

A condição de ancião me dá a liberdade de tratar certos temas técnicos de forma *carbonária*. No tocante as “farinhas de rocha” vinte anos antes que criassem o neologismo “rochagem” ou inventassem a consigna “rocks for crops” e sua “agrogeologia” começamos a recuperar terras de populações tradicionais de quilombolas no interior da Bahia, o que pode ser constatado através do cromatograma de Pfeiffer.

Quando alguém propõe aquecer ou tratar uma rocha com agentes físicos ou químicos para liberação mais rápida de sua energia eu fico observando que essa pessoa por culpa de sua alma mater foi levado a pensar de forma reducionista e tendenciosa, para quem desde sempre fomos loucos, mas com o passar do tempo excêntricos e por fim avatar de um conhecimento exótico que pode ser apropriado e incorporado à realidade através da “modernização conservadora” como se isso dissesse algo além de filosofia. Na Espanha foi cunhado o termo *heteronomia*, que alerta não significa o antônimo de homonomia, mas a liberdade de executar a ausência de autonomia.

Farinhas de rocha são instrumentos de biotecnologia de ponta para a construção do BIOPODER CAMPONES. Obviamente que grupos e indivíduos heteronômicos pretendem constituir “poder exótico” com legislações, regras e etc. com respeito à “rochagem”, seguindo a senda da agricultura moderna em upgrade no agora denominado “agronegócios”.

Para que se entenda plenamente o acento por mim adotado sou obrigado ao parêntese. - O neologismo agribusiness foi traduzido pelo “adelantado” Ney Bitencourt de Araújo diretor da empresa do Grupo Rockefeller “Agrocere” (R.I.P.) ignorando a função ultrassocial humana na produção de alimentos. É ultrassocial, pois não existe agri (agir)+cultura na natureza como pode ser encontrado em W. J von Goethe ou von Humboldt. Logo ela é fruto do trabalho árduo, o que contradiz o termo agronegócios, negação do ócio na agricultura, um contra senso econômico.- Fecho o parêntese.

A evolução de um solo, meteorização de rochas, no tempo espaço na natureza tem no elemento estratégico que são os micróbios e suas populações através do tempo, contudo a cupidez de von Liebig tenha pretendido negar sua importância em 1842. Os trabalhos de Winogradsky ficaram em terceiro plano aos micróbios de Pasteur na área de saúde pública. Isto permanecerá até os trabalhos de Fleming na segunda década do Século XX, mas somente o microbiologista de solos Selman Waksman conseguirá produzir para o esforço de guerra no Pacífico os antibióticos extraídos, também dos solos. Contudo, seu livro, a exemplo de outro de Julius Hensel, “Pães de Pedra” também tenham ficado escondido por mais de 80 anos para não contrariar os interesses do Grupo Rockefeller que doou 30 milhões de dólares ao governo Roosevelt para as infraestruturas na Bacia do Mississipi-Missouri, cujo retorno anualmente é superior a 9 bilhões de dólares em royalties, patentes, serviços e tecnologia de fertilizantes solúveis.

Com a mudança da matriz tecnológica da química industrial para a *biossíntese*, aquela realidade retorna a um patamar anterior onde a tecnologia dos micróbios são a parte essencial. O triste é que von Liebig foi bolsista na França quando a Alemanha não possuía conhecimento de química, mas já na França napoleônica a produção de pólvora para a guerra era obtida por fermentação de excrementos humanos e animais (nitratos) anterior à época de Lavoisier.

As ações de recuperação de solos degradados por poluição encontraram que as populações de micróbios era muito mais complexa, pois a grande maioria sequer podia ser identificada e menos ainda isolada. A Biologia Molecular permitiu encontrar “cluster” de ADN e ARN localizando-os na cadeia evolutiva como fungos, bactérias etc que levavam à sua dedução. Hoje é sabido que conhecemos menos de 0,1% dos  $1 \times 10^{40}$  microrganismos existentes no solo. É o novo campo científico da metagenômica do solo.

No trabalho com farinhas de rochas (rochagem) da agrogeologia há a possibilidade de restaurar ou recuperar micróbios antes desconhecidos ou considerados “extintos” pela nossa degradação-poluição no manejo do solo na matriz tecnológica anterior. Isso permite construir aqui entre nós a ecopoiesis que a NASA estudou para a colonização de Marte já na década de 70 com Carl Sagan e Lynn Margoulis. Obviamente que seres servisais preocupam-se prioritariamente em construir “poder” através da restrição legal a evitar o livre uso das farinhas de rochas para o acúmulo de conhecimento e consequente submissão aos interesses das corporações, governos e organismos multilaterais.

Nosso trabalho tem sido desde a publicação do livro MB-4, não usar o insumo biotecnológico “pó de rocha” como um substituto dos fertilizantes químicos solúveis de von Liebig, Yara ou Grupo Rockefeller em transição para a nova matriz tecnológica, mas reenfocar a visão da Vida no sentido do Imperador Ashoka, von Goethe, von Humboldt e Erwin Schrödinger e para isso criamos a subversão dos *campos de metagenômica camponesa*, onde o camponês pode entender a importância de restaurar a vida no seu solo sem a necessidade de compra de micróbios melhorados das grandes corporações antes de agrotóxicos, agora da biotecnologia de microrganismos patenteados e comercializados através de serviços ao bel prazer dos interesses multilaterais e da OMC, como “Biochar” ou “Carbono Orgânico.

Acreditamos piamente que os camponeses têm a condição de construir seu solo metaproteômico único, mesmo sem conhecer as comunidades e populações que o habitam, em um salto quântico impedindo que o não-saber do consumismo o distancie do BIOPODER ULTRASSOCIAL que dele emana e irradia.

Isso é bem mais que retórica de ONGs a serviço de disfarces por ausência de políticas públicas de governos...